

POÉTICA DE INSTABILIDADE: PRÁTICAS ARTÍSTICAS DE DESESTABILIZAÇÃO DO COMUM EM M. C. ESCHER, MANOEL DE BARROS E ARNALDO ANTUNESClara Faria Trigo¹

Resumo: Assumindo como lugar de fala a experiência artística – pessoal, subjetiva e intransferível –, pretendo discorrer sobre o que venho esboçando como *Poética de Instabilidade*; expor caminhos intuitivos que guiaram e culminaram no agrupamento de características e reconhecimento desta poética, a partir da interlocução com três artistas (M. C. Escher, desenhista holandês, 1898-1972; Manoel de Barros, poeta brasileiro, 1916-2014; e Arnaldo Antunes, músico, compositor, artista visual e poeta brasileiro, 1960-vive); e ainda, elencar as referidas características poéticas comuns entre as obras estudadas e as minhas próprias inquietações artísticas, unidas pela ideia de desestabilização de padrões ou instabilidade, com a qual venho trabalhando há quase duas décadas. Apresentarei a ideia de instabilidade que emana do meu trabalho artístico, pedagógico e acadêmico, sistematizada durante o Mestrado em Artes Cênicas (PPGAC-UFBA), em 2014.

Palavras-chave: poética de instabilidade, autonomia, dança.

O que vejo nos desenhos de Escher, nas poesias de Manoel de Barros e nas músicas de Arnaldo Antunes que me faz intuir algo em comum? E o que há de comum entre o que eles produzem e o que eu produzo? Onde está a intersecção entre esses elementos? Por que esses e não outros? Poderiam ser outros? Foram escolhas circunstanciais, casuais ou são elementos que se atraem, que fazem parte de um mesmo conjunto? O que tornaria as obras destes artistas parte de um mesmo conjunto? Como elaborar a articulação entre estes elementos?

As indagações às obras destes três artistas vieram impulsionadas pelo desenvolvimento do meu trabalho autoral na dança. Em 2002, arriscando-me pela primeira vez como coreógrafa, eu vivenciava um impulso artístico irrefreável. Havia algo que eu precisava dizer e precisava ser pela via da arte. Sem definições prévias, arriscando-me sem modelos, pulsava o desejo de inverter – concreta e simbolicamente – posições, equilíbrios e sentidos.

Toda a pesquisa foi direcionada para provocar desprendimento da lógica comum, permitindo que, em cena, impossibilidades se realizassem. Diferentes materiais foram sendo agregados e construídos ao longo do processo de pesquisa de movimento e composição cênica e foi possível identificar algo em comum entre todos os objetos cênicos: eram propiciadores de instabilidade física, pela mudança nas bases de apoio do corpo.

¹ Professora Assistente Escola de Dança - UFBA. claratrig@gmail.com

Como entram nessa história os três artistas citados no título deste artigo? Ao aceitar que grande parte do trabalho artístico se faz intuitivamente, aprendi a manter-me atenta ao que se apresenta como interesse irrecusável, num processo criativo. Seja uma música, um desenho, uma frase; seja uma imagem, um verso, um som; durante o processo criativo, as explicações tardam a chegar. Mas as forças de atração, por mais estranhas que pareçam, mostram-se e indicam caminhos.

Os processos criativos produzem uma espécie de “campo gravitacional”. Certos interesses ético-estéticos – e, portanto, poéticos – afirmam-se. Testemunhar os elementos que se aproximam, indagá-los e seguir suas pistas ajuda o artista a reconhecer as partes não planejadas, inconscientes e intuitivas do que coloca no mundo.

Ter espaço para deixar que as perguntas surjam e sejam respondidas com franqueza e desapego – o que exige entrega, paciência, disponibilidade e coragem para caminhar por algum tempo no escuro – nem sempre é fácil. Podemos nos deparar com um caminho surpreendente, assustador e distinto do que prevíamos.

Desde o meu primeiro trabalho criativo (dirigindo, coreografando e dançando), que resultou no espetáculo *Ideias de Teto* (2002), instalou-se uma “massa de interesses” (para seguir na metáfora da gravidade) que me dava uma pista muito boa: todos os objetos que me interessavam provocavam instabilidade física. Esse interesse transbordava a materialidade do corpo. Todos os tipos de inversão de sentidos metafóricos e simbólicos interessavam à pesquisa. Tornou-se possível então, sintetizar com a palavra instabilidade, tudo o que fazia sentido naquele trabalho.

Certo. Mas o que há de instabilidade nos desenhos de Escher, nas poesias de Manoel de Barros e nas músicas de Arnaldo Antunes? Reconheço nos resultados artísticos de Manoel de Barros, Escher e Arnaldo Antunes instigam os mesmos tipos de inversão de sentidos e desestabilização de padrões que me interessava (e continua me interessando) produzir com a dança.

Aqui convém destrinchar a ideia de instabilidade com a qual venho trabalhando artística, pedagógica e academicamente. Com a palavra instabilidade, evoco a infinita gama de possibilidades físicas e psíquicas de mudanças de perspectivas e pontos de vista. A instabilidade está tratada, aqui, como uma dimensão de reconfiguração constante da percepção; eterna possibilidade de mudanças.

A ideia de instabilidade aproxima-se da materialidade, quando se refere a experiências físicas com diferentes tipos de bases de apoio, oscilações físicas, uso de equipamentos que

alterem a percepção, mudanças do tipo de apoio e da posição do corpo em relação à gravidade, alterações nos sistemas de equilíbrio corporal.

A instabilidade aproxima-se do impalpável quando se refere a incertezas, a mudanças de paradigma, a maneiras pouco usuais ou novas de lidar com assuntos cotidianos, a possibilidades inexploradas, à possibilidade de redescobrir algo conhecido.

Defendo essa ideia também como estratégia de criação artística e como um procedimento de vida, uma atitude no mundo, a sugestão de um novo filtro para *olhar as coisas de azul* (BARROS), capaz de ampliar as formas de apreensão do mundo e, conseqüentemente, capaz de produzir poesia.

Encontro eco na explicação de Albright:

[...] Estar atento à desorientação espacial vem de uma prática física que inclui se acostumar a ficar de cabeça para baixo, girar, cair em todas as direções [...], mover-se com ímpeto, às vezes, com os olhos fechados. [...]. (ALBRIGHT, 2013, p. 62)

Os aspectos palpáveis e impalpáveis da instabilidade transitam pelos sentidos, habitam-se e coexistem, complementando-se. As palavras que descrevem o evento físico palpável, viram metáforas para os acontecimentos psíquicos, simbólicos e perceptivos.

Reconheço nas obras de M.C. Escher, Manoel de Barros e Arnaldo Antunes interseções, apesar das imensas diferenças no resultado artístico, espaço geográfico e momento histórico de suas vidas. Situo, finalmente, as interseções no bojo da *Poética de Instabilidade*.

Em breve análise de obras dos três referidos artistas, levantarei princípios, métodos e abordagens que explicitam o que vejo em cada um deles como parte do escopo da já tão mencionada, *Poética de Instabilidade*.

M. C. Escher

A matemática de Escher nos traz a imagem do impossível, inspira e concretiza em desenho o elo perdido entre pombas e peixes. Um transforma-se no outro como uma mágica, mas todo o caminho está visível. Uma ideia em movimento, que toma forma, faz nascer outros movimentos; e por mais distância que haja entre o movimento-derivado e o movimento-matriz, sempre será possível refazer o caminho que fez com que ele existisse.

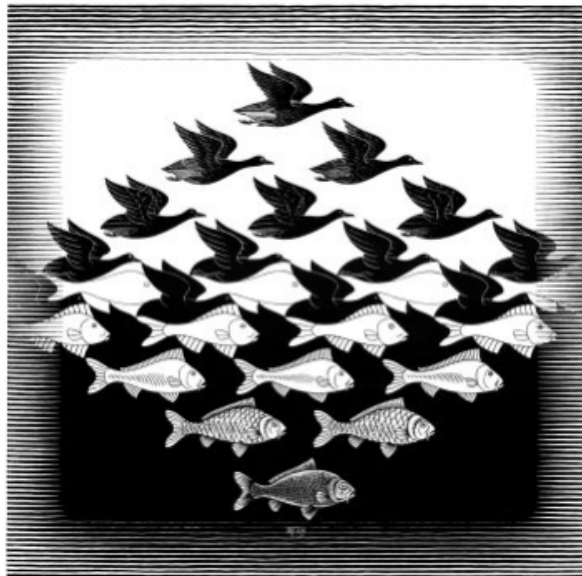


Figura 28: Céu e Água. M. C. Escher, 1938.

O trânsito semântico está nítido nos desenhos de Escher, quando ele transforma pombas em peixes e vice-versa. Céu e mar, ar e água, um lugar é o outro, todos ao mesmo tempo. O elo entre voar e nadar; a ilusão que acontece diante dos olhos.

Escher desestabiliza as referências de chão e teto. Mexe com os sentidos e com a percepção das leis da gravidade. Sente-se o ‘desconforto’ de não entender como isso é possível, a graça e o prazer ao testemunhar a subversão das expectativas. É este tipo de ampliação da percepção das impossibilidades que se realizam, provocados pelos desenhos de Escher, que me interessam, que me ensinam e que busquei como interlocução no meu próprio processo criativo.

No esforço de reconhecer e elencar elementos de uma Poética de Instabilidade, a partir da análise da obra de Escher, cito: transformação contínua, hibridação de ambientes, reconstituição de caminhos perdidos, criação de elos improváveis, borramento de fronteiras, simultaneidade e onipresença, permissão à fantasia, forma que se transforma, desestabilização de leis conhecidas, desobediência e/ou autonomia na relação com o mundo.

Manoel de Barros

Durante o processo criativo do espetáculo de dança contemporânea Ideias de Teto, de minha autoria, a poesia de Manoel de Barros indicou caminhos e também ajudou a verificar os caminhos escolhidos, funcionando como uma espécie de guia metodológico para a construção cênica e para o trabalho corporal, que se construiu em interrelação íntima

com as propostas poéticas, ou seja, repetir até ficar diferente, olhar as coisas de azul, enxergar os perfumes do sol, desaprender oito horas por dia, ficar parado diante de uma coisa até sê-la e um olhar pra baixo que eu nasci tendo (BARROS), são expressões da sua poesia que viraram princípios de trabalho e escolhas ético-estéticas-poético-pedagógicas.

Estes princípios – imagens poéticas e escolhas ético-estéticas – foram construídos na montagem de *Ideias de Teto*, que passou a ser regida pela repetição que leva à diferença, pela transformação contínua, pela busca de novas formas de perceber o mundo, pela mescla de sentidos, pela retirada da ansiedade, pelo borramento de fronteiras fixas – dentre outros princípios detalhados antes.

Apenas em 2006, após a realização de *Ideias de Teto* (2002), *Banana da Terra* (2005), *Estudo para Lesma* (2002) e já em processo de criação de *Deslimites* (estreado em 2007), pude constatar que, em todos os trabalhos coreográficos que vinha desenvolvendo, em todas as campanhas ético-estético-político-educativas que vinha produzindo, em tudo o que sempre me interessou profundamente, estavam presentes as sementes da inversão de sentidos, da transformação da percepção, da ressignificação do que parece estabelecido, do questionamento da norma.

Em tudo o que me interessa, existe uma poética guiada pela desestabilização de padrões, que vou reconhecendo aqui como uma *Poética de Instabilidade*.

Arnaldo Antunes

Na poesia *O meu tempo*², Arnaldo Antunes não está apenas discursando sobre a subjetividade do seu tempo pessoal em relação à objetividade do tempo do relógio, ele está tornando visível, pela forma que organiza a música, a subjetividade do tempo.

A possibilidade de deslocar o canal de compreensão interessa na medida em que, mais uma vez, provoca um deslocamento de sentidos. Graças à captação holística das informações pelos sentidos (FORTIN, 2011), realiza-se a comunicação. As informações revelam-se através das escolhas estéticas, do jogo formal, permitindo a quem ouve compreender do que se trata por muitas vias, não apenas pelo conteúdo semântico do discurso, mas pela ampliação do campo perceptivo.

Na faixa *No fundo*³, o fôlego esticado ao máximo para dizer as palavras todas sem pausa, revela perfeitamente a ideia de continuidade. As palavras escolhidas aparentemente

² Faixa do disco **Transborda**, Arnaldo Antunes.

³ Faixa do disco **Transborda**, Arnaldo Antunes.

formam uma lista de palavras sem sentido. Aos poucos revelam-se escolhas estéticas/formais/semânticas pelo uso de onomatopeias e de palavras que referem-se a posicionamento, deslocamento e localização no espaço. E ampliando ainda mais a brincadeira com a percepção, aumenta a complexidade da composição quando as estratégias formais e semânticas, juntas, recombina as palavras e os sentidos, criando familiaridade com expressões corriqueiras, mas sendo estranhas: ‘... a poucos pés...’ – ‘...pés pouco a pouco...’ – ‘...pouco a pouco aos pés...’. Ou formas conhecidas que surpreendem no meio de uma massa, a princípio, amorfa, como: ‘...de alto a baixo...’, ou mesmo contradições que mexem com a percepção e abrem uma nova possibilidade de compreender a realidade, como: ‘...hoje de ontem...’.

Quando José Miguel Wisnik define o trabalho de Arnaldo Antunes pelo deslocamento, como: "[...] tudo deslocamento [...]" e: "[...] está tudo dado e continuamente circulando [...]" (WISNIK, in ANTUNES, 2007, p. 353), eu re-conheço, re-enxergo e re-entendo as conexões criativas que guiam os procedimentos ético-estéticos deste artista e a maneira como a sua produção artística constitui, na minha opinião, uma *Poética de Instabilidade*.

[...] E os fragmentos se alinham em pequenas unidades, são células semânticas e ao mesmo tempo fonéticas que se põem em desordem e criam o efeito de revelações, o que tem a ver com deslocamento. [...] (WISNIK, in ANTUNES, 2007, p. 352)

A possibilidade de estar tudo lá e em movimento e, por isso, ser mágico, conecta com os desenhos de Escher, conecta com uma mágica explícita, como a própria fita de Moebius, na qual o lado de dentro e o lado de fora são um contínuo, sem interrupção.

Ficam explicitados, aqui, alguns destes princípios da *Poética de Instabilidade*, reconhecidos no trabalho de Arnaldo Antunes: diluição das fronteiras, fluxo contínuo, brincadeira com a percepção através da (con) fusão de sentidos, ampliação do campo perceptivo, deslocamento de sentidos, ausência de pressa, borrimento de fronteiras, dilatação do tempo, abertura para a fantasia, desobediência às leis mais inquestionáveis (lei da gravidade, lei da impenetrabilidade).

No esforço de concentrar, ofereço em seguida o inventário de características sinteticamente organizadas numa lista.

- Liberação da ideia sobre certo e errado;
- Redução da censura;
- Inversão de sentidos;

- Transformação da percepção;
- Ressignificação do que parece estabelecido - questionamento da norma;
- Autoridade Interna;
- Investigação pessoal;
- permissão E estímulo ao devaneio, ao jogo, à brincadeira;
- Capacidade de seguir a intuição, de aguentar o inexplicável;
- Capacidade de entrega ao incerto e desconhecido, à ociosidade eventual;
- Capacidade de escuta, de pausa;
- Capacidade de desapegar-se da autoimagem e reconhecer-se diferente das próprias expectativas;
- Confiança, segurança e cumplicidade;
- Desestabilização de leis conhecidas;
- Desobediência;
- Diminuição da necessidade de fazer sentido pela razão;

Referências

ALBRIGHT, Ann Cooper: Caindo na memória. In Tempos de Memórias: Vestígios, Ressonâncias e Mutações – VII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE. Porto Alegre: 2012.

ANTUNES, Arnaldo. Como é que chama o nome disso: Antologia. - São Paulo: Publifolha, 2006.

BACHELARD, Gaston. A Terra e os Devaneios da Vontade: ensaio sobre a imaginação das forças. Tradução de Paulo Neves da Silva. 3a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Tópicos).

BARROS, M. Gramática expositiva do chão. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

ROSA, Tatiana Nunes da. A Pergunta sobre os Limites do Corpo como Instauradora da Performance: Propostas Poéticas – e, portanto, Pedagógicas – em Dança. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

TRIGO, Clara Faria. Instabilidade poética: síntese provisória de uma prática de movimento. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014.

Sobre a autora |

Clara Faria Trigo é professora da Escola de Dança da UFBA. Mestre em Artes Cênicas (PPGAC-UFBA), dançarina, coreógrafa e pesquisadora de movimento. É criadora do equipamento de biofeedback Flymoon® e do sistema de estratégias artístico-pedagógicas Instabilidade Poética®.